

Psicanálise e Saúde Mental

Helenice Saldanha de Castro

Resumo: Este artigo faz um contraponto entre dois textos de Jacques Alain Miller, a saber, *Saúde Mental e Ordem Pública* e *A salvação pelos dejetos*, visando extrair dali elementos que nos permitam pensar a relação da psicanálise com a saúde mental hoje.

Palavras-chave: psicanálise, saúde mental, ordem pública, dejetos

Título em inglês: **Psychoanalysis and Mental Health**

Abstract: This article makes a comparison between two texts by Jacques-Alain Miller, namely, *Mental Health and Public Order* and *The Salvation through the waste*, pointing out elements that allow us to think about the relationship between psychoanalysis and mental health today.

Keywords: Psychoanalysis, Mental Health, Public Order, Waste

Psicanálise e Saúde Mental¹

Helenice Saldanha de Castro²

Primeiramente, gostaria de agradecer a Henri Kaufmanner pelo convite para participar desta mesa sobre psicanálise e saúde mental. Ao ouvir de Henri o que orientaria a discussão de hoje, logo me lembrei do texto de Jacques-Alain Miller, *Saúde Mental e Ordem Pública*, que foi publicado no número 13 da revista *Curinga* e se tornou uma referência para nós sobre esse tema. A questão que me surgiu foi como seria retomar a leitura desse artigo de 1988, considerando-se as mudanças ocorridas dentro da orientação lacaniana e também no campo do Outro social.

Portanto, esse foi o meu primeiro movimento, reler o artigo que publica a conferência de Miller proferida há 22 anos³. Porém, nesse ínterim, acabei tendo a grata surpresa de conhecer outro texto de Miller, *A salvação pelos dejetos*⁴. Também uma conferência, porém mais recente, dada em Pipol 4 e publicada pela revista *Mental* de número 24, em abril deste ano.

O material que preparei, então, faz um contraponto entre esses dois textos, visando extrair daí elementos que nos permitam pensar a relação da psicanálise com a saúde mental hoje.

O segredo da psicanálise

Em *Saúde mental e ordem pública*, Miller é taxativo: "o psicanalista não é um trabalhador de saúde mental e talvez seja esse, precisamente, o segredo da psicanálise"⁵.

Ali, em 1988, Miller definirá o mental como sendo um órgão que não seria exclusivo do ser humano. A mente é um aparato sensorial que completa o físico do ser vivente, permitindo que esse físico possa se adequar ao mundo. Assim, os animais também teriam mente, pois eles usam os sentidos, como ver, sentir, cheirar, para se guiarem na vida. Se pudermos pensar um ser vivo sem o mental, seria por meio do mito construído por Lacan a partir da libido freudiana, o mito da lamela, pois "trata-se de um ser vivo sem aparato sensorial que, precisamente, não conhece nada da dimensão do mundo e que é da ordem do puro real"⁶.

O animal não tem uma relação direta com o puro real, e o mental, ao intermediar essa relação, faz do real uma realidade. Mas, do lado dos animais, haveria uma perfeita passagem do real para a realidade que geraria um mundo onde reinaria a harmonia do *Inmwelt* e do *Umwelt*. Nesse sentido, diante de tal equilíbrio é possível falarmos da existência da saúde mental.

Porém, do lado do homem, essa adequação entre o real e a realidade estará perturbada pela incidência da linguagem, instalando-se, assim, desde o princípio, uma enfermidade mental.

Essas elaborações de Miller se mostram totalmente atuais, pois podemos fazer uma transposição quase que direta dessas formulações de 1988 para algumas passagens de seu curso de 2008-2009. Na lição dois de *Coisas de fineza em psicanálise*, Miller afirma que "o homem é um animal doente e que a doença para ele não é um acidente e sim intrínseca, faz parte de seu ser, daquilo que se pode definir como sua essência"⁷. Desse modo, não há ninguém, do lado do humano, que esteja em harmonia com sua natureza, em função do fato de que o homem pensa e, assim sendo, seu pensamento o separa do natural, cria uma falha que impede que haja uma coincidência consigo mesmo.

Essa enfermidade mental localizada, em 1988, na inadequação do *Inmwelt* e do *Umwelt* é descrita agora como efeito da erótica. Mais além da mente como aparelho sensitivo, o homem porta o aparelho do desejo que se equivale a essa erótica. Há uma falha intrínseca, o homem se encontra isolado de seu complemento e, portanto, ele deseja. Logo, desejo e saúde mental se opõem.

O desejo surge como fruto dessa desarmonia entre o real e a realidade e ele indica que há do lado do homem "um desvio fundamental"⁸. Nada de saúde no sentido de uma normalização.

Tentar colocar o desejo "extranormativo" nos trilhos é o que visa o discurso do mestre com sua pregnância terapêutica. Assim nos diz Miller, na sua fala em Pipol 4, "o discurso do mestre crê na saúde mental, porque ele interdita a fantasia"⁹ e ao interditar a fantasia, interdita o que de singular do desejo se veicula por ela.

Portanto, nesses 22 anos que se passaram, a posição de Miller sobre a relação da psicanálise com a saúde mental se manteve e é clara: "a saúde mental não nos pode servir, como tal, de critério, na prática analítica"¹⁰.

Do cheque ao portador aos resíduos

Se os textos *Saúde Mental e ordem pública* e *A salvação pelos dejetos* vão na mesma direção, afirmando a inexistência da saúde mental, veremos que eles divergem sobre o que fundamenta o laço social. Desse ponto, que me pareceu uma mudança de perspectiva, acredito que possamos retirar algumas indicações importantes.

Em 1988, Miller nos propõe equivaler a perda da saúde mental à perturbação da ordem pública. Há perturbações que, porém, concernem à polícia e à justiça. O critério operativo que situa o indivíduo de um lado ou de outro é a responsabilidade. Se o sujeito é considerado responsável, pode-se castigá-lo; mas se é irresponsável, deve-se curá-lo. Nisso se radicaliza a diferença entre psicanálise e saúde mental, entendida como saúde pública, pois "a psicanálise é um tratamento que se dirige ao sujeito de direito"¹¹, ou seja, àquele sujeito que responde pelo que faz e pelo que diz.

A responsabilidade como capacidade de resposta se vincula diretamente ao sentimento de culpa. Se há culpa, há responsabilidade. O sentimento de culpa seria assim a "patologia essencial do sujeito"¹² e o fundamento do laço social. Com o mito do crime primordial que origina a lei, Freud inventa o ponto de vista psicanalítico sobre o que funda a sociedade. E ela se funda no "todos culpáveis".

Porém, se a princípio pode parecer que o sentimento de culpa é incompatível com a reivindicação, não é isso o que a experiência analítica demonstra, como indicarei adiante. Se o sujeito de direito é aquele que pode responder pelos seus atos, e essa responsabilidade se fundamenta na culpa, é ele também sujeito de direito que pode dizer "que tenho direito a". Dessa forma podemos conectar culpa-responsabilidade-sujeito de direito-reivindicação.

Miller lança mão da figura do cheque ao portador para descrever esse princípio da reivindicação, tão essencial à prática analítica. O sujeito carrega um

cheque ao portador que ele nunca consegue descontar. Aqui se coloca a relação da reivindicação do sujeito de direito com a castração. O sujeito de direito é o sujeito castrado, e o cheque que ele reivindica sacar é o falo. Consequentemente, esse cheque nunca entrará no caixa do banco, pois o caixa bancário estará sempre em outro lugar.

A psicanálise permite, então, que o sujeito descubra que “seu cheque ao portador, o que cada um tem, é impossível de cobrar”¹³.

Seguindo essas elaborações de Miller, temos o laço social sustentado pelo sentimento de culpa, por essa falta primeva que torna “todos culpáveis”, e o tratamento analítico como a possibilidade do sujeito se haver com esse menos de gozo produzido pela castração.

Da clínica da castração e da falta passemos às elaborações de Miller sobre a clínica do *sinthoma*, para chegarmos à sua idéia de *dejetos*.

Na lição cinco de *Coisas de fineza em psicanálise*, Miller nos diz que a perspectiva sobre o *sinthoma* afasta a psicanálise da clínica. A clínica é definida ali como o exercício de ordenação e de classificação dos fenômenos apresentados pelo paciente.

A psicanálise não abre mão da classe clínica, porém essas classificações que se apresentam — principalmente a partir da tripartição neurose, psicose e perversão — figuram no ensino de Lacan como estrutura. A estrutura acrescenta à classe a causa e, mais além de ordenar os fenômenos, ela transmite a ideia de uma máquina em que os fenômenos aparecem como efeito. A palavra articulação expressa a noção de sistema presente no conceito de estrutura, pois esta é composta de elementos funcionais que, ocupando determinada disposição, se articulam para produzir uma manifestação estabelecida.

Pois bem, temos os elementos primordiais que são contingenciais na vida de cada ser falante, mas, na medida em que o sujeito se põe a falar, uma trama vai se constituir entre esses acasos e, a partir do que se repete, uma ordem emerge dessa narração. O acaso ganha, assim, sentido e o sujeito pode se dar conta de determinados axiomas, como *sou-assim-está-escrito* ou *só-amou-quem-não-me-ama*, que orientam o seu funcionamento no mundo.

Nessa transformação da contingência em articulação, um S_1 ao acaso se articula a um S_2 e isso produz um efeito de sentido. Miller nos lembra que, quando surge um axioma na análise, é possível constatar que ele foi transmitido “ao sujeito em sua infância, num momento especial de disponibilidade e de abertura, por alguém de sua família, ou por quem tinha esse lugar”¹⁴. O neologismo “falasser”, proposto por Lacan, vem contemplar essa noção de sujeito que fala, mas que também é falado pelo Outro. O “falasser” é, então, o conjunto desses elementos

funcionais que se articulam em axiomas e que tem como produto dessa articulação o objeto *a*.

Continuando a seguir de perto a lição cinco de *Coisas de fineza*, vemos Miller nos indicar que o último ensino de Lacan se inicia com a "clivagem entre a estrutura e os elementos de acaso prévios, que ela, estrutura, encaixa e significa", ou seja, articula produzindo sentido.

Nessa perspectiva, a prática analítica ganha outra ênfase, pois trata-se agora de

"reconduzir a trama de destino do sujeito da estrutura aos elementos primordiais, fora de articulação, quer dizer, fora de sentido e, porque absolutamente separados, podemos dizê-los absolutos. Trata-se de reconduzir o sujeito aos elementos absolutos de sua existência contingente"¹⁵.

Portanto, a clínica como articulação não é a psicanálise, porque a interpretação analítica, na clínica do "sinthoma", visa a desfazer a articulação da trama narrativa para mirar o fora de sentido, constituindo-se assim como operação de desarticulação.

O conceito de sinthoma, pivô do último ensino de Lacan, vem designar esse elemento que não se articula, que está fora da classificação, pois expressa o que cada ser falante porta em sua singularidade mais absoluta.

A ordem significativa aparece, desse modo, como o que do significante, aquém de qualquer articulação, vem marcar o corpo, definindo seu modo de gozo. Esse modo de gozo singular é irreduzível e se constitui como um "resto absoluto", que podemos também aqui nomear de resíduo.

Então, se, em 1988, Miller nos falava da possibilidade do tratamento analítico levar o sujeito a ter que se haver com o menos de gozo produzido pela operação de castração, agora o que se coloca em jogo é como lidar com esse gozo que não se deixa dissolver pela linguagem, pois "tomar o ponto de vista do sinthoma é saber que há aquilo-que-não-mudará; tomar o ponto de vista do sinthoma é um limite inaugural ao *furor sanandi*"¹⁶.

O Outro mau

É a partir dessa mudança de perspectiva, quando a questão que se coloca agora é como lidar com o excesso de gozo, que o laço social é apresentado por Miller como sendo consubstancial à paranóia.

Na apresentação de Pipol 4, Miller opõe o gozo como dejetivo ao gozo sublimado. O gozo como dejetivo não é reduzido à falta, à castração; já o gozo sublimado é limpo, vazio, idealizado e reduzido à falta da relação sexual. E segundo

Miller, “quando o gozo é elevado à dignidade da Coisa, quer dizer, quando ele não é rebaixado à indignidade do resíduo, ele é sublimado, ou seja, socializante”¹⁷. Assim sendo, a sublimação produz uma socialização do gozo e o integra ao laço social, colocando-o a trabalho do discurso do Outro e para o gozo desse Outro.

Esse Outro, como corpo social, pode apresentar seu gozo de forma abstrata, mas pode também ocorrer do gozo do Outro social ganhar corpo fazendo emergir a dimensão paranoica que fundamenta o laço social na crença de que “o Outro goza de mim”. Segundo Miller, o fato de considerarmos a afirmação de Lacan de que a personalidade é paranoica não nos faz desconsiderar a paranoia como patologia, mas faz com que possamos nos valer de uma forma da paranoia mais moderada. Essa forma extensa e moderada, e que constitui a personalidade, é o que unifica e dá consistência à instância que a psicanálise chamou de eu, “pois sem essa paranoia, o eu não seria mais que um bric-à-brac de identificações imaginárias”¹⁸. E é daí que Miller vai considerar que o sujeito se socializa ao supor no Outro uma vontade de gozo malévolo. A paranoia motivaria, pois uma defesa contra o real.

Se o Outro social é sempre um Outro mau é a essa imputação de vontade de gozo nocivo que ele, Outro social, tenta desmentir, multiplicando, pelas vozes que o representam, que ele “quer o seu bem”.

O grande risco para a psicanálise, o risco de fazê-la desaparecer é a integração do analista nessa ordem social que se esforça todo o tempo em desmentir essa maldade do Outro. Desconhecer esse Outro mau que insiste em afirmar sua bondade é assumir também a posição de ter que “desejar o bem do semelhante”, respondendo, dessa forma, à expectativa do mestre contemporâneo de que a psicanálise seja terapêutica. E aqui podemos incluir a perspectiva da saúde mental. Em contrapartida, Miller propõe o analista como dejetivo, representando o que do gozo não se cura, o que do gozo resta insociável.

¹ Trabalho apresentado na 2ª Conversação do IPSM-MG, ocorrida no dia 29/05/2010.

² Membro da EBP / AMP, integrante da equipe clínica do CERSAM-Oeste (PBH).

³ O texto de Jacques-Alain Miller foi publicado pela primeira vez em 1993 na revista “Uno por Uno”, mas trata-se de uma conferência dada em Sevilha, em 1988.

⁴ Esse texto de Jacques-Alain Miller, “Le salut par les déchets”, está publicado na revista da Federação Europeia das Escolas de Psicanálise, *Mental*, n. 24, em francês. Neste artigo, utilizo uma tradução livre.

⁵ MILLER, J.-A. “Saúde Mental e ordem pública”. In: **Curinga**, n. 13. Revista da Escola Brasileira de Psicanálise – Seção Minas Gerais. Belo Horizonte, setembro de 1999, p. 27.

⁶ *Ibidem*. p. 28

⁷ MILLER, J.-A. **Coisas de Fineza em Psicanálise**, 2008-2009. Inédito. Lição 2.

⁸ *Ibidem*.

⁹ MILLER, J.-A. “Le salut par les déchets”. In: **Mental**. Revue de La Fédération Européenne des Écoles de Psychanalyse, n. 24, Clamecy, abril de 2010, p. 15.

¹⁰ MILLER, J.-A. “Saúde mental e ordem pública”. In: **Curinga**, n. 13. Revista da Escola Brasileira de Psicanálise – Seção Minas Gerais. Belo Horizonte, setembro de 1999, p. 28.

¹¹ *Ibidem*. p. 23.

¹² *Ibidem*.

¹³ *Ibidem*. p. 27

¹⁴ MILLER, J.-A. **Coisas de Fineza em Psicanálise**, 2008-2009. Inédito. Lição 5.

¹⁵ Ibidem.

¹⁶ Ibidem.

¹⁷ MILLER, J.-A. "Le salut par les déchets", In: **Mental**. Revue da La Fédération Européenne des Écoles de Psychanalyse, n. 24, Clamecy, abril de 2010, p. 11.

¹⁸ Ibidem. p. 12